

Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia

Fernando Augusto Fileno



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1417>

DOI: 10.4000/pontourbe.1417

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Fernando Augusto Fileno, « Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 22 setembro 2020.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1417> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1417>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia

Fernando Augusto Fileno

REFERÊNCIA

Marta Amoroso e Gilton Mendes dos Santos (Org.). 2013. *Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro nome.

- 1 A coletânea *Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia* é resultado dos estudos etnográficos sobre o tema da natureza e sociedade na Amazônia, beneficiado pelo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e nasceu da colaboração entre os programas de pós-graduação de antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Versando sobre as áreas da etnologia indígena, história indígena e da antropologia urbana, ele descortina-se sobre as regiões do sudoeste, noroeste e a Amazônia central para trabalhar temas caros à etnologia atual, assim como, a memória indígena e suas relações com a economia do aviamento e sobre os espaços de socialidade dos índios nas cidades.
- 2 O livro está dividido em 15 capítulos, contribuição de diversos autores, alguns em colaboração, separados em três partes que, distante de serem blocos independentes, compartilham antes, esforços comparativos e possibilidades de pesquisa, privilegiando os conceitos e as teorias nativas para promover a desestabilização de dualismos estanques entre Natureza/Sociedade; Humanidade/Animalidade; Sujeito/Objeto; Aldeia/Cidade e apresentar práticas e saberes inseridos em outros modos de habitar a Amazônia.
- 3 Abre-se o volume com Márcio Ferreira da Silva anunciando, em um artigo sobre o nexos entre vizinhança e afinidade entre os Enawenê-Nawê, povo de língua arawak, o tom do

ritmo que marcará todo o livro, seu foco na dinâmica de circulação de “dons”, vislumbrar-se-á, nos outros capítulos, nas traduções de mundos que transitam e coexistem perceptualmente em uma formulação mais amazônica (Carneiro da Cunha 2009:366). Teremos no decorrer destas paisagens, expressões de movimentos de articulação entre o plano local e o plano global, manifestação primeiro representada no processo de construção social da aldeia enawnê-nawê e que seguirá a afluência para outros contextos, diferenciados e distantes, porém associados nos circuitos da maior floresta do globo.

- 4 Usamos o termo *circuito*, porque é esta categoria que apresenta a melhor produtividade, dentro do escopo do livro, para trabalhar os vínculos entre domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial que conecta assentamentos urbanos, trajetos e Terras Indígenas, como sublinham os autores José Guilherme Cantor Magnani e José Agnello A. D. de Andrade. No artigo assinado por ambos, eles apresentam um programa comparativo para aproximar os rendimentos dos estudos já realizados nos grandes centros urbanos do sudeste do país e o que ocorre nas cidades com marcante presença indígena, utilizando ferramentas já conhecidas do primeiro campo para lançar-se a empreitada que novos objetos de estudo oferecem. Ou antes, diríamos melhor, questões que devem ser perseguidas, como o deixam feito os autores Yuri Bassichetto Tambucci, Rodrigo Valentim Chiquetto e Ana Luisa Sertã que seguem os caminhos de três gerações de Sateré-Mawé residentes na cidade de Manaus. Avista-se, partindo da paisagem urbana, um amplo *circuito* de experiências e relações, espaços nos quais o artesanato e o protagonismo das mulheres, assim como o futebol e as formas políticas de diálogo com a alteridade referenciam um modo de *habitar* o espaço urbano.
- 5 Avançamos alguns capítulos com a mesma insolência que os primeiros cronistas e colonizadores europeus cingiram as águas dos complexos hidrográficos da região. O artigo de Antonio Alexandre Isidio Cardoso, não é apenas um apanhado de relatos de viajantes sobre as paisagens e seus habitantes, mas um tracejar de percursos que conduzem mercadorias, experiências e leituras de mundo. Destacando a figura dos regatões, pequenos mercadores, o autor ilumina um processo no qual distintos mundos tomavam conhecimento de si já desde meados do século XIX. Essas trocas de contatos e saberes nos inspiram a pensar em outras – entre os artigos deste volume – dá-se à vista como nessas páginas conectam-se atores e conhecimentos, traduções e relações de alteridade. Lemos o livro como um desarraigado conjunto de circuitos nos quais diferentes traduções de mundo são transmitidas por agentes portadores de *outras* perspectivas.
- 6 Enxergamos outro ponto de encontro dessa malha no exercício de uma “antropologia cruzada” proposto no capítulo dos autores Luciano Barreto, João Rivelino Rezende Barreto e Carlos Machado Dias Jr. Uma iniciação à hermenêutica tukano, demonstrada na importância do conceito de *Úukuse*, sintetizado na ideia de pensamento e ação no mundo tukano, revela uma postura diante de um mundo cuja hierarquia é estruturalmente complexa. A formação de agentes como o *kumu* (benzedor) presta a acumulação de conhecimentos e habilidades extremamente especializados, relacionar-se e intervir neste mundo é também uma atividade de teorização do mesmo. O exercício de “cruzamento” continua no artigo de João Paulo Lima Barreto e Gilton Mendes dos Santos, pois o que temos é “uma tentativa de ordenação lógica expressa nos termos da ciência (antropológica), mas que poderá ser capaz de exprimir o conteúdo de uma

"antropologia indígena" - o que talvez nos permita considerá-la como um diálogo entre antropologias"" (Amoroso & Mendes dos Santos 2013:128). Questão igualmente discutida na contribuição de Milena Estorniolo para este volume, seu artigo sobre traduções de noções de "natureza" e do "meio ambiente" para o conhecimento baniwa, fruto de sua etnografia no cerne da implantação do projeto de piscicultura e manejo de pesca na escola indígena Pamaáli no Alto Rio Negro, promovem um diálogo de analogias possíveis entre arcabouços conceituais distintos. Entretanto, o manejo de tradução e transmissão deste conhecimento não se realiza sem *equivocações*, pois, do outro lado da via, a assunção deste enquanto matéria de incorporação para o conhecimento científico deve realizar-se sem prejuízo da constituição moderna, o estatuto do nosso conhecimento termina por subjazer a instrumentalização do conhecimento indígena.

- 7 Voltando novamente às páginas do texto de Lima Barreto e Mendes dos Santos, para sublinhar o meio em que complexas relações entre humanos e não humanos fundam a existência de uma "antropologia indígena". A explicitação do esquema classificatório tukano, suas categorias e concepções da humanidade e animalidade – centrando-se no peixe (*wai*) como agente basilar desta cosmologia – permite particularizar as interpretações que definem os *wai-mahsã*, os seres invisíveis que povoam o universo aquático. Enquanto sujeitos-agência, fontes de ameaças perigosas, também são a procedência do conhecimento Tukano. A produção de um conhecimento especializado exige um canal permanente de comunicação entre humanos e *wai-mahsã*. Agora, se passamos para outro artigo da coletânea cujo cerne é a noção de corpo, alma e pessoa entre os Baniwa, o autor João Jackson Bezerra Vianna necessita como interlocutor imprescindível os *yóopinai*, entidades de outro mundo, os seres invisíveis responsáveis pelos ataques que acometem com doenças os jovens alunos da Escola Pamaáli. A compreensão da noção de doença exige a passagem pela noção de pessoa, a teoria indígena então, desfaz nossa dicotomia cartesiana entre corpo/alma para o encaixe da variável perspectivista como suscetível de aliciamentos *outros*. Noção de pessoa é também o interesse de Edson Tosta Matarezio Filho em sua pesquisa sobre ritual e noção de pessoa entre os Waimiri Atroari, povo de língua caribe, destacando o ritual de iniciação masculina (*bahinja maryba*), ele demonstra como os distintos atores presente determinam, não apenas a produção da pessoa, mas do próprio *socius*. O corpo do iniciando é formado pela absorção de distintas afecções, perspectivas estrangeiras que o formam, assim como a sociedade, em outra escala, é formada através de sua abertura ao *outro*. Retornando ao comentário precedente sobre a etnografia de Bezerra Vianna, se é o Outro, o *yóopinai*, que engloba o Eu no exterior da comunidade, dentro dela, no caso da iniciação masculina waimiri atroari, o Outro será englobado pelo Eu.
- 8 A questão de fundo, notadamente, é a das traduções em disputa entre mundos distintos, vias de comunicação que se estabelecem seja em um encontro inesperado na floresta ou por intermediação de um saber especializado. No desenvolvimento do *Projeto Podáli – valorização da música Baniwa*, no qual Deise Lucy Montardo presta consultoria e da qual nasce esse trabalho, apresenta-se como os Baniwa constroem, em termos musicais, canais de comunicação e transmissão de conhecimento tanto para o universo mítico de seus ancestrais como para o universo do contato intermitente com os brancos. Canais, nunca é demasiado sublinhar, produtores de traduções.
- 9 Um, entre outros, pontos de relevância desta coletânea estão os artigos direcionados aos grupos falantes da família lingüística Arawa, conjunto que, ainda pouco conhecido, já rendeu pesquisas significativas para a literatura etnológica. O interflúvio Juruá-Purus

passa a ser a região privilegiada dos últimos capítulos, no texto de Miguel Aparício Suárez discutisse o tema dos subgrupos entre os Arawa, refletir sobre a alteridade é para estas cosmologias (como as outras que compõem esse livro) questão fundamental para fundação do grupo. Partindo do contexto etnográfico suruwaha, Aparício Suarez afirma: “A perda de territórios, a crise das referências xamânicas, a queda demográfica, a necessidade de reconstruir os espaços de segurança levaram à necessidade de reconfigurar os circuitos de intercâmbio e a consistência dos coletivos” (Amoroso & Mendes dos Santos 2013:267). No caso deni, abordado por Marcelo Pedro Florido, uma das elaborações desta faceta reside no conceito *manakuni*, definição da relação entre dois termos, antes de marcar a inalienação de bens trocados entre eles, parece prorrogar a manutenção da dívida. Um acordo sobre o qual resiste o desequilíbrio e o potencial de agressividade. Valores sobre os quais parecem, igualmente, alicerçar o conteúdo das relações com a alteridade como são concebidas pelos Jarawara. Fabiana Maizza reflete sobre esse assunto a partir da centralidade, no mundo jarawara, dos *inamati*, as almas, o Devir-Outro para o qual todos os Jarawara estão destinados.

- 10 O despedaçamento dos mundos tal como esses coletivos conheceram a partir da história do contato, longe de destruir suas compreensões dos mesmos, exigiu a atualização de suas relações para abarcar a contínua ampliação das redes de alteridades. Marta Amoroso, nos mostra, em seu artigo sobre o evento de nascimento da aldeia mura, como sua construção depende de um processo de relação, comunicação e negociação com atores que habitam distintos patamares cosmológicos. Junto ao jogo político dos tuxaúas mura contra as forças centrífugas que atuam a favor da dispersão dos grupos familiares, temos o jogo cosmopolítico, domínio de operação em que sistema xamânico está em constante trâmite com as entidades que habitam o fundo. O boto, figurante entre os parceiros domesticados pelos pajés como espíritos auxiliares, exemplo das boas relações que devem ser travadas com os espíritos do fundo para as demandas de conformação dos corpos/pessoas da aldeia é apenas um entre os outros entes com os quais essas populações se embatem e dialogam cotidianamente. O peixe-boi, personagem de algumas das narrativas colecionadas por Angélica Maia Viera em seu trabalho de pesquisa sobre os registros históricos e etnográficos produzidos acerca dos índios Paumari, outro exemplar do tronco linguístico Arawa, colocados como habitantes do mundo aquático, é descrito como dono de mais uma perspectiva com a qual os pescadores devem tomar ciência para a efetivação da pesca.
- 11 Paisagens Ameríndias, sublinhando sua flexão plural, é uma coletânea sobre modos de ocupar e circular o/no ambiente circunscrito pela Amazônia, para além dos limites de tempo e espaço. O que estes capítulos nos guardam são as dimensões de traduções díspares, um esforço político e cosmopolítico de colisão e compartilhamento com os donos de regimes de verdades distintos, donos de perspectivas variegadas. Um esforço de convívio intelectual cujos estes primeiros frutos são o resultado de uma cooperação acadêmica que deve tardar-se em concluir-se.

BIBLIOGRAFIA

AMOROSO, Marta R. & MENDES DOS SANTOS, Gilton (Org). 2013. *Paisagens Ameríndias, Lugares, Circuitos e Modos de Vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro Nome.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. 2010. São Paulo: Cosac Naify.

AUTORES

FERNANDO AUGUSTO FILENO

Mestrando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.